

Escrevi muitos livros nos últimos anos e provavelmente sou mais conhecida pelas comédias que publiquei como Sophie Kinsella. Porém, muito antes de criar a série Becky Bloom e outros títulos independentes, escrevi sete livros como Madeleine Wickham (meu nome verdadeiro).

Sempre me perguntam por que escrevo sob dois nomes distintos, e o motivo é que esses outros livros têm um estilo diferente dos que assino como Sophie Kinsella.

Apesar de eu não lançar novos títulos como Madeleine Wickham há muitos anos, tenho um carinho imenso por esses livros e espero que vocês amem este aqui!

Madeleine Wickham

Para Freddy

SUMÁRIO

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

UM

Fleur Daxeny franziu o nariz. Mordeu o lábio, inclinou a cabeça para o lado e examinou seu reflexo por alguns segundos, em silêncio. Em seguida, deu uma gargalhada.

— Não consigo me decidir! — exclamou. — São todos maravilhosos.

A vendedora do Take Hat! e o jovem cabeleireiro sentado numa banquetta dourada no canto se entreolharam com ares fatigados. O cabeleireiro havia chegado à suíte de hotel de Fleur meia hora antes e aguardava desde então, já impaciente. Àquela altura, a vendedora começava a se perguntar se aquilo não seria uma grande perda de tempo.

— Adoro esse com o véu — disse Fleur, de repente, pegando um chapéu bem pequeno forrado de cetim preto, contendo um véu de tule. — Não é elegante?

— Muito elegante — disse a vendedora, lançando-se à frente a tempo de resgatar a cartola forrada de seda preta que Fleur lançava ao chão.

— Muito — ecoou o cabeleireiro no canto, dando uma olhada sorrateira em seu relógio de pulso. Tinha de estar de volta ao salão em quarenta minutos. Trevor não iria gostar nada daquilo. Talvez devesse telefonar lá para baixo e explicar a situação. Talvez...

— Pronto! — disse Fleur. — Decidi. — Ela levantou o véu e sorriu radiante para os outros no cômodo. — Vou usar esse hoje.

— Uma decisão muito sábia, madame — disse a vendedora, visivelmente aliviada. — É um chapéu magnífico.

— Magnífico — sussurrou o cabeleireiro.

— Então, se puder embalar os outros cinco para mim... — Fleur sorriu misteriosamente para seu reflexo e cobriu novamente o rosto com o tule preto.

A mulher do Take Hat! ficou boquiaberta.

— A senhora vai levar todos eles?

— Mas é claro que vou. Impossível escolher um só. São todos perfeitos demais. — Fleur virou-se para o cabeleireiro. — Agora você, docinho. Consegue fazer um penteado especial que combine com esse chapéu?

O jovem a encarou e sentiu o rubor subir pelo pescoço.

— Ah. Sim. Muito provavelmente. Quer dizer...

Mas Fleur já tinha se virado.

— Se puder colocar tudo na minha conta do hotel... — dizia ela à vendedora. — Não há problema algum, há?

— Problema nenhum, madame — respondeu a vendedora, avidamente. — Como hóspede do hotel, a senhora tem direito a um desconto de quinze por cento em todas as nossas peças.

— Que seja — disse Fleur e bocejou discretamente. — Desde que a cobrança possa ser incluída na conta do hotel.

— Providenciarei isso agora mesmo para a senhora.

— Ótimo — disse Fleur. Quando a vendedora deixou o cômodo, Fleur se voltou para o cabeleireiro e abriu um sorriso arrebatador. — Sou toda sua.

Sua voz soou baixa e melodiosa, e curiosamente sem sotaque. Na opinião do cabeleireiro, agora soava também um tanto provocativa, e ele corou de leve quando se deslocou até onde Fleur estava sentada. Ficou de pé atrás dela, segurou o comprimento dos cabelos com uma das mãos e deixou as mechas avermelhadas caírem num movimento pesado.

— Seus cabelos são muito bem cuidados — disse o jovem, timidamente.

— Não são lindos? — comentou Fleur, satisfeita. — Sempre tive cabelo sedoso. E pele também, claro. — Ela inclinou a cabeça, afastou para o lado o roupão do hotel e roçou o rosto de leve na pele alva e macia do ombro. — Quantos anos você diria que eu tenho? — acrescentou, de repente.

— Eu não... não me... — começou a gaguejar o rapaz.

— Tenho quarenta anos — disse ela devagar. Fechou os olhos. — Quarenta — repetiu ela, como se estivesse meditando. — É de se admirar, não?

— A senhora não parece... — começou o cabeleireiro, educado, mas envergonhado. Fleur abriu um dos olhos verdes cintilantes, que lembravam olhos de gato.

— Não parece que tenho quarenta anos? Então quantos anos pareço ter?

O cabeleireiro a encarou, sem jeito. Abriu a boca para falar e voltou a fechá-la. A verdade, pensou ele, de repente, é que essa mulher incrível não parecia ter uma idade definida. Parecia atemporal, inclassificável, indefinível. Quando seus olhos encontraram os dela, ele sentiu um arrepio percorrer o corpo; a convicção de que, de alguma forma, aquele momento era único. Com as mãos tremendo de leve, ele acariciou os cabelos dela, as mechas correndo como labaredas por seus dedos.

— A senhora tem a aparência dos anos que parece ter — sussurrou ele, depressa. — A idade não importa.

— Que amor — disse Fleur, como quem não quer nada. — Agora, meu docinho, antes de começar meu penteado, o que acha de pedir uma bela taça de champanhe para mim?

O cabeleireiro afastou as mãos, ligeiramente desapontado, e foi obedientemente até o telefone. Enquanto discava o número, a porta se abriu e a mulher do Take Hat! entrou de novo, carregando uma pilha de caixas de chapéus.

— Aqui estão! — exclamou ela, sem fôlego. — Se a senhora puder assinar aqui...

— Uma taça de champanhe, por favor — dizia o cabeleireiro. — Quarto 301.

— Eu estive pensando... — disse a vendedora a Fleur, com cautela. — A senhora tem certeza de que quer os seis chapéus na cor preta? Temos outras cores lindas nessa nova coleção. — Ela parou, pensativa. — Tem um verde-esmeralda magnífico que combinaria de um jeito deslumbrante com o seu cabelo...

— Pretos — falou Fleur, decidida. — Só me interesse por chapéus pretos.

Uma hora depois, Fleur se olhou no espelho, sorriu e fez que sim com a cabeça. Usava um *tailleur* preto básico, feito sob medida. Suas pernas exibiam uma meia-calça preta translúcida; os pés, enfiados em sapatos pretos de um modelo discreto, não chamavam muita atenção. Os cabelos tinham sido presos num coque muito bem-feito, no qual o chapeuzinho preto jazia perfeitamente acomodado.

O único quê de exuberância em seu *look* era um vislumbre de seda rosa-salmão sob o paletó. Uma das regras de Fleur era sempre acrescentar uma peça de cor chamativa, independentemente de quão sério fosse o traje ou a ocasião. Num mar de ternos pretos sem graça, um detalhe em rosa-salmão naturalmente atrairia o olhar das

peças. As pessoas a notariam, mas não saberiam exatamente por quê. Do jeitinho que ela gostava.

Ainda observando seu reflexo, Fleur cobriu o rosto com o véu. A expressão toda cheia de si deu lugar à de uma tristeza imensa e inescrutável. Durante alguns segundos, ela ficou se olhando, calada. Pegou a bolsa de couro preta da Osprey e a segurou ao lado do corpo, séria. Assentiu lentamente algumas vezes, percebendo que o véu projetava sombras misteriosas na pele alva de seu rosto.

Então, de repente, o telefone tocou, e ela voltou à realidade.

— Alô?

— Fleur, onde você estava? Tentei te ligar antes. — A voz com forte sotaque grego era inconfundível.

Fleur franziu o cenho, irritada.

— Sakis! Querido, estou com um pouco de pressa...

— Aonde você vai?

— A nenhum lugar especial. Só vou fazer compras.

— Por que precisa fazer compras? Comprei roupas para você em Paris.

— Sei que comprou, querido. Mas queria surpreender você com algo novo hoje à noite. — Sua voz saiu murmurada, simulando um afeto convincente. — Algo elegante, sexy... — Enquanto falava, teve uma inspiração repentina. — E sabe de uma coisa, Sakis? — acrescentou, cautelosa. — Eu estava me perguntando se não seria uma boa ideia pagar em dinheiro, para conseguir um desconto.

Posso sacar dinheiro do hotel, não posso? E colocar na sua conta?

— Uma certa quantia, sim. Até dez mil libras, acho.

— Não vou precisar *de tudo* isso! — Sua voz transbordou divertimento. — Só quero uma roupa! Quinhentos, no máximo.

— E, depois que acabar as compras, você voltará diretamente para o hotel.

— Claro, amado.

— Não tem nada de “claro”. Dessa vez, Fleur, você não pode se atrasar. Entendeu? Não. Pode. Se. Atrasar. — As palavras foram ditas de modo incisivo, como uma ordem militar, e Fleur se retraiu, incomodada. — As instruções são simples. Leonidas buscará você às três horas. O helicóptero decolará às quatro. Nossos convidados chegarão às sete. Você precisa estar pronta para recebê-los. Não quero que se atrase como da última vez. Foi... foi inadequado. Está me ouvindo? Fleur?

— Claro que estou ouvindo! — disse Fleur. — Mas tem alguém batendo à porta. Vou ver quem é...

Ela esperou alguns segundos, e, com firmeza, botou o fone no gancho. Um instante depois, voltou a pegá-lo.

— Alô? Pode mandar alguém aqui para pegar minha bagagem, por favor?

No térreo, o lobby do hotel estava vazio e tranquilo. A mulher do Take Hat! viu Fleur passar pela loja e acenou discretamente, mas Fleur a ignorou.

— Quero fazer o *check-out* — disse ela, assim que chegou ao balcão da recepção. — E fazer um saque. A conta está no nome de Sakis Papandreous.

— Ah, sim. — A recepcionista de cabelos loiros e lisos digitou brevemente no teclado do computador, ergueu o olhar e sorriu para ela. — Quanto deseja sacar?

Fleur retribuiu o sorriso.

— Dez mil libras. E pode chamar dois táxis para mim?

A mulher a encarou, surpresa.

— Dois?

— Um para mim, outro para minha bagagem. Minha bagagem vai para Chelsea. — Fleur baixou o olhar sob o véu de tule. — Vou a uma missa fúnebre.

— Ah, eu sinto muito — disse a mulher, entregando a Fleur várias páginas de conta de hotel. — Alguém da sua família?

— Ainda não — disse Fleur, assinando a conta sem se dar ao trabalho de conferi-la. Ela observou enquanto o caixa separava grossos maços de notas e os enfiava em dois envelopes timbrados. Fleur os pegou com delicadeza, guardou-os em sua bolsa da Osprey, e a fechou. — Mas nunca se sabe.

Richard Favour estava sentado no banco da frente na igreja de Saint Anselm com os olhos fechados, ouvindo os sons das pessoas enchendo o ambiente — movimentações e sussurros abafados, o bater de saltos no piso ladrilhado, e

“Jesus alegria dos homens” sendo tocada suavemente no órgão.

Ele sempre detestara “Jesus alegria dos homens”; a música tinha sido sugestão do organista na reunião que fizeram três semanas atrás, depois de ficar claro que Richard não conseguia citar uma música para órgão pela qual Emily parecesse ter tido alguma preferência. Um silêncio ligeiramente constrangedor havia se prolongado enquanto Richard vasculhava inutilmente a memória, e então o organista murmurara, hesitante: “‘Jesus alegria dos homens’ é sempre muito popular.” Richard concordou rapidamente, aliviado.

Agora franzia o cenho, insatisfeito. É claro que poderia ter pensado em algo mais especial do que aquela música padrão e extremamente batida, não poderia? Emily sempre adorou música, sempre ia a concertos e a recitais quando sua saúde permitia. Será que ela nunca havia se virado para ele, com os olhos brilhando, e dito “adoro essa música”? Ele estreitou os olhos e tentou se lembrar. Mas a única visão que lhe ocorreu foi a de Emily deitada na cama, olhos desfocados, pálida e fraca, resignada. Ele sentiu um arrepio de culpa percorrer o corpo. Por que nunca havia perguntado à esposa qual era sua música preferida? Em trinta e três anos de casados, ele nunca havia perguntado isso a ela. E, agora, era tarde demais. Agora, ele nunca saberia.

Richard passou a mão na testa, amuado, e olhou para o folheto da missa no colo. As palavras saltaram aos olhos. *Missa em Memória e de Ação de Graças pela Vida de Emily Millicent Favour*. Letras pretas e simples, papel-cartão branco e liso. Ele havia resistido a todas as tentativas das gráficas de incluir detalhes especiais, como borda prateada ou anjos em relevo. Isso, pensou ele, Emily teria aprovado. Pelo menos... imaginava que ela teria.

Só depois de vários anos de vida conjugal foi que Richard se deu conta de que não conhecia Emily direito; e só depois de vários outros anos foi que ele percebeu que nunca a conheceria direito. No começo, a atitude serenamente reservada dela o atraiu, juntamente com o lindo rosto que parecia uma porcelana e o torneado corpo juvenil que ela mantinha escondido da mesma forma resoluta com que escondia seus pensamentos mais íntimos. Quanto mais ela se fechava, mais atraído Richard ficava; ele havia chegado ao dia do casamento com um desejo que beirava o desespero. Finalmente, Richard havia pensado, ele e Emily poderiam revelar seus lados ocultos um ao outro. Ele ansiava por explorar não apenas o corpo dela, mas também sua mente, sua personalidade; descobrir seus medos e sonhos mais profundos; tornar-se sua alma gêmea por toda a vida.

Eles haviam se casado em um dia claro, de muito vento, em um pequeno vilarejo em Kent. Ao longo de toda a cerimônia, Emily tinha mantido um semblante sereno e

uma atitude contida; Richard havia presumido que aquilo significava apenas que ela era melhor que ele em disfarçar o nervosismo da expectativa que certamente a consumia por dentro com tanta intensidade quanto a ele — uma expectativa que havia aumentado com o passar do dia e com a aproximação do instante que marcaria o início de sua vida a dois.

Agora, de olhos fechados, ele recordava aqueles primeiros segundos ansiosos, quando a porta foi fechada pelo funcionário que os havia ajudado com as malas, e ele ficou sozinho com a esposa pela primeira vez na suíte do hotel em Eastbourne. Richard tinha ficado olhando para Emily enquanto ela tirava o chapéu com os movimentos suaves e precisos de sempre, uma parte de si desejando que ela jogasse a porcaria do acessório no chão e se lançasse em seus braços, a outra parte desejando que aquela espera incerta e deliciosa durasse para sempre. A impressão que deu foi que Emily estava retardando, de propósito, o momento da união dos dois; provocando-o com seus trejeitos lentos e com sua atitude blasé, como se soubesse exatamente o que se passava na mente dele.

E, então, por fim, ela havia se virado e o encarado. Richard havia respirado fundo, sem saber exatamente por onde começar; sem saber qual dos pensamentos reprimidos liberar primeiro. E ela tinha olhado diretamente para ele com seus olhos azuis distantes e perguntado: “A que horas é o jantar?”

Mesmo naquele momento, ele havia achado que Emily continuava de provocação. Pensado que ela estivesse prolongando propositalmente a expectativa, que estivesse contendo as emoções deliberadamente, até que elas se tornassem fortes demais para controlar, até que se tornassem uma enorme torrente e se encontrassem e se misturassem às dele. E, então, pacientemente, encantado com o aparente autocontrole dela, ele havia esperado. Esperado pela torrente; pelo rompimento das barreiras; pelas lágrimas e pela entrega.

Mas isso nunca aconteceu. O amor de Emily por ele nunca se manifestou de um jeito diferente de um lento gotejar de afeição; ela havia reagido a todos os seus carinhos, a todas as suas investidas, com a mesma falta de interesse. Quando tentava despertar uma reação mais intensa nela, primeiro era recebido com falta de compreensão, e, depois, conforme se tornava mais incisivo, com uma resistência quase assustada.

Por fim, ele desistiu de tentar. E, aos poucos, quase sem perceber, seu amor por ela passou a mudar de natureza. Ao longo dos anos, suas emoções pararam de ferver à superfície de sua alma como uma onda quente e se retraíram e solidificaram em algo firme, seco e sensato. E Richard também se tornou firme, seco e sensato. Havia aprendido a guardar para si suas intenções, a organizar os pensamentos calmamente e a dizer apenas metade do que realmente pensava. Tinha aprendido a sorrir quando

queria rir, a estalar a língua quando queria gritar de frustração; a conter a si mesmo e a seus pensamentos disparatados o máximo possível.

Agora, esperando que a missa fúnebre dela começasse, Richard se sentia grato a Emily por todas aquelas lições de autocontrole. Porque, se não fosse por sua capacidade de se conter, as lágrimas quentes e sentimentais que fervilhavam no fundo de seus olhos estariam rolando sem controle por seu rosto, e as mãos que calmamente seguravam o folheto da missa estariam cobrindo seu rosto desfigurado pelo choro, e ele teria sido tomado por um pesar desesperado e imoderado.

A igreja estava quase cheia quando Fleur chegou. Ela permaneceu nos fundos por alguns instantes, observando os rostos, as roupas e as vozes à sua frente; analisando a qualidade dos arranjos de flores; verificando os bancos à procura de alguém que pudesse olhar para ela e reconhecê-la.

Mas as pessoas que via eram todas desconhecidas. Homens de ternos sem graça; mulheres de chapéus sem personalidade. Uma centelha de dúvida passou pela cabeça de Fleur. Será que Johnny tinha se enganado? Será que havia dinheiro espreitando em algum lugar no meio desse bando de gente enfadonha?

— Aceita um folheto? — Ela ergueu o olhar e viu um homem de pernas compridas atravessando o chão de

mármore em sua direção. — Já vai começar — acrescentou ele, o cenho franzido.

— Certamente — murmurou Fleur. Ela estendeu a mão de pele alva e perfumada. — Fleur Daxeny. É um prazer conhecê-lo... Perdão, mas esqueci seu nome...

— Lambert.

— Lambert. Claro. Lembrei agora. — Ela fez uma pausa e olhou bem no rosto dele, que ainda franzia o cenho de modo arrogante. — Você é o inteligente da família.

— Pode-se dizer que sim — disse Lambert, dando de ombros.

Inteligente ou sexy, pensou Fleur. Todos os homens queriam ser uma coisa ou outra — ou as duas. Ela voltou a olhar para Lambert. Suas feições eram exageradas e “borrachentas”, de modo que, mesmo em repouso, ele parecia estar fazendo uma careta. Melhor parar na inteligência, pensou ela.

— Bem, é melhor eu me sentar — disse ela. — Suponho que nos veremos depois.

— Há muito espaço aqui nos fundos — disse Lambert, quando ela se virou.

Mas Fleur pareceu não ter ouvido. Olhando para o folheto da missa com uma expressão absorta e solene, ela caminhou depressa para a parte da frente da igreja.

— Com licença — disse ela, parando na terceira fileira. — Há algum lugar aqui? Está um pouco cheio lá atrás.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



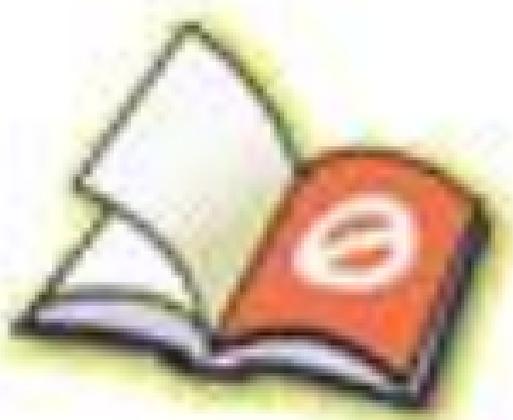
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



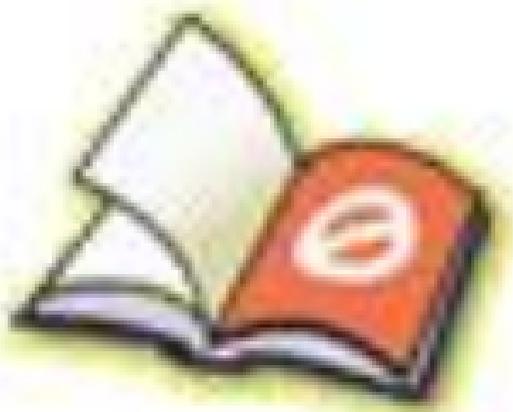
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



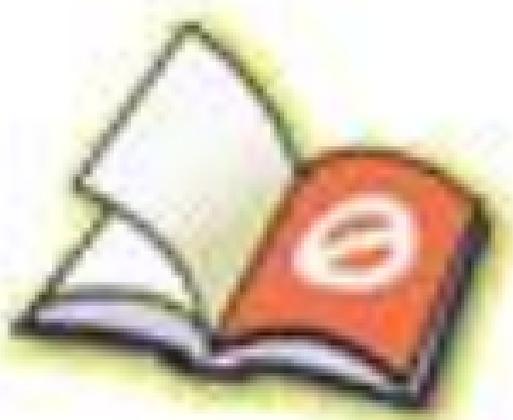
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



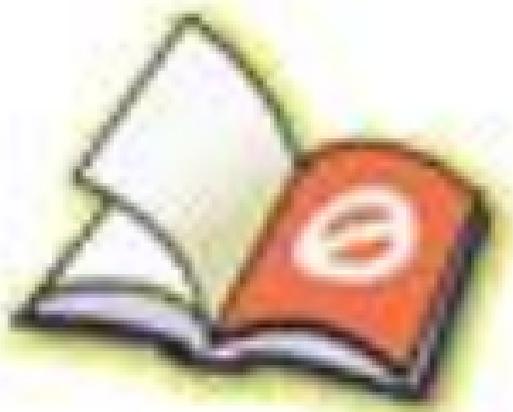
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



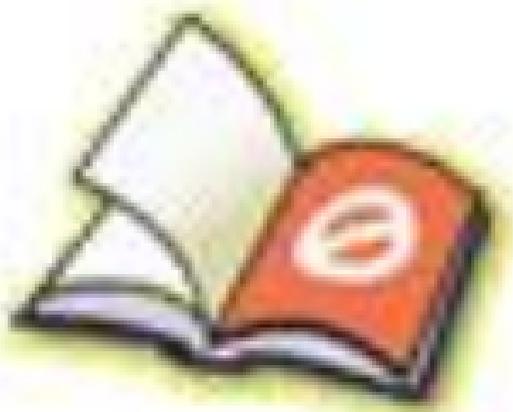
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



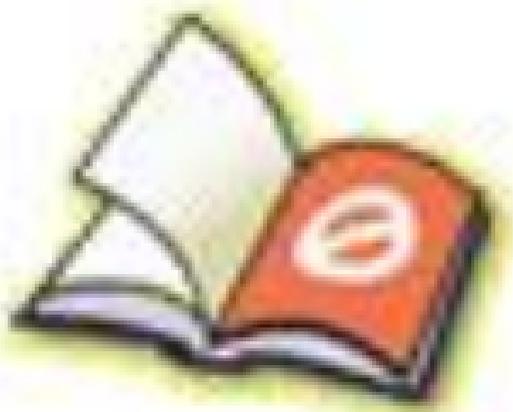
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



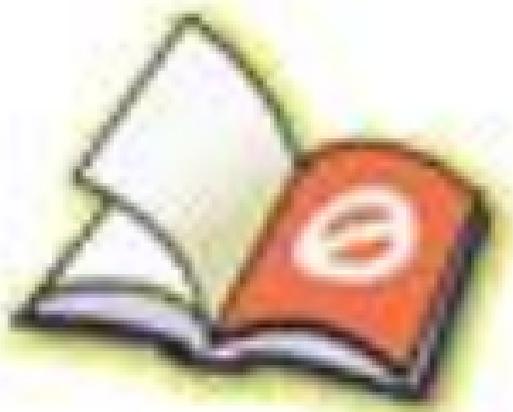
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.